

**PERFIS DA SOCIEDADE: MEMÓRIA E REALIDADE NO JORNALISMO  
LITERÁRIO DE MARCEL PROUST E JORGE ANDRADE**

Fillipe Augusto Galeti Mauro (FFLCH/USP)

Alexandre Bebiano de Almeida (FFLCH/USP)

**RESUMO**

O presente artigo se propõe a comparar os perfis produzidos pelo dramaturgo Jorge Andrade entre 1969 e 1972 para a revista *Realidade* e os portraits que Marcel Proust publicou em jornais e revistas da *Belle Époque*. Também procura refletir sobre as formas pelas quais tais escritos jornalístico-literários amadureceram as técnicas descritivas desses dois autores, contribuindo na constituição de romances, como o ciclo *À la recherche du temps perdu* e *Labirinto*. Com o advento do AI-5, em 1968, *Realidade* empregou estratégias para modificar a redação de suas reportagens e driblar a censura. Um desses recursos está presente nos perfis de Jorge Andrade. Para retratar intelectuais, artistas e personalidades mundanas, o escritor passou a recorrer a mais recursos literários. Nossa hipótese é que esses recursos estão presentes igualmente nos portraits que o escritor francês Marcel Proust publicou na imprensa da *Belle Époque* parisiense, quais sejam: o aprofundamento de traços sentimentais e psicológicos de seus entrevistados, e uma forte valorização do memorialismo. O recurso à memória surge nos perfis de Jorge Andrade como instrumento que permite fundir o delineamento dinâmico dos traços físicos e sociais às qualidades e sentimentos da personalidade, seja do retratado ou do retratista. O termo “retrato” não é aqui mera opção estilística. Revela a preferência de Jorge Andrade por tal classificação em detrimento da nomenclatura “perfil”, e condiz com o gênero desenvolvido na virada do século XIX ao XX por um escritor como Proust, que marcou traços de sua subjetividade (de Jorge Andrade) de modo indelével.

**Palavras-chave:** Marcel Proust. Jorge Andrade. Revista Realidade. Retrato literário

Já é bem conhecida do público e estudada pela academia a obra dramatúrgica de Jorge Andrade, cuja maturidade literária atingiu seu ápice com as peças *Vereda da salvação*, *Pedreira das almas* e o ciclo *Marta, a árvore e o relógio*. Nesse sentido, convém hoje abordar outra faceta desse escritor, um tanto quanto oculta, um tanto quanto ignorada, e que o aproxima de certas tradições da literatura francesa. Refiro-me ao Jorge Andrade jornalista, que passou a integrar o quadro de repórteres da revista *Realidade* com a inauguração da segunda fase dessa publicação, posterior ao Ato Institucional Nº 5 do Regime Civil-Militar.

Entre 1969 e 1972, quando pertenceu ao expediente da revista, produziu para ela um conjunto relevante de reportagens e uma série de dez perfis de personalidades sociais daquele tempo. Quais sejam: as atrizes Dercy Gonçalves e Marília Pêra, o artista plástico Wesley Duke Lee, os escritores Murilo Mendes e Érico Veríssimo, o enciclopedista Antonio Houaiss, a modelo Danuza Leão, o estilista Clodovil Hernandes, o historiador Sérgio Buarque de Holanda e o sociólogo Gilberto Freyre. De cada um deles, Jorge Andrade costumava dizer ter feito um “retrato”, conforme atesta depoimento de sua esposa, Helena Almeida Prado Franco, incluído na tese de livre-docência da pesquisadora Terezinha Tagé (2010, p.6).

Senão proposital, a nomenclatura predileta de Jorge Andrade cai ao menos como uma luva para o estudo do gênero de seu ofício jornalístico. A escolha por produzir “retratos”, e não meramente perfis, o aproxima de secular tradição da literatura francesa, a do gênero dos “portraits littéraires”, praticada por autores memorialistas aristocráticos no século XVII (cite-se *Mademoiselle de Montpensier*, o *Duque de Saint-Simon* e o *Cardeal de Retz*), por moralistas setecentistas (como *La Bruyère*, em seus *Caractères*), e exaustivamente por romancistas realistas ao longo do século XIX e início do XX, tornando-os ambos “séculos do retrato”, para empregar aqui termo da lavra da pesquisadora Hélène Dufour (1997).

De um desses retratistas franceses, Jorge Andrade absorveu não apenas boa parte de suas técnicas de mimese, mas também o sentido de retrato que partilha com seus leitores. Marcel Proust foi uma das leituras favoritas de Jorge Andrade. Ao lado de Roger Martin du Gard, Proust exerceu impacto substantivo na formação literária do dramaturgo brasileiro. O autor é exaustivamente citado no romance autobiográfico *Labirinto*, de 1978, e também surgem menções a ele em vários dos perfis de *Realidade*.

É o que se vê, por exemplo, nesta passagem de *Labirinto*, quando narra seu encontro com o filósofo Bento Prado Júnior, na cidade francesa de Maintenon:

Vejo jardins, flores e moradias passando e penso que estou em Combray de Marcel Proust, não em Maintenon. Ou estaria numa fazenda distante que virou saudade? (ANDRADE, 2009, pp. 263-264)

Mas a predileção, enquanto traço pertencente à subjetividade do autor, não é suficiente para sustentar a comparação que aqui se pretende. De sorte que uma pergunta básica parece incontornável: quais aspectos formais (ou estilísticos, se assim preferirmos) permitem a aproximação de Jorge Andrade a Proust a ponto de podermos considerá-lo, para além de jornalista, um “retratista”? E, ainda mais que isso, um retratista que não se filia a um estilo narrativo qualquer, mas especificamente à moda proustiana de representar a realidade.

A leitura analítica que venho fazendo dos perfis de Jorge Andrade tem permitido observações bastante interessantes e substantivas a esse respeito. Convém apontar que todos eles são narrados na primeira pessoa, quebrando abertamente com a tradicional voz jornalística de referencialidade e colocando o “indivíduo” repórter em questão. Ao traçar a vida de seus retratados, Jorge Andrade parece sempre delinear sua própria existência. O leitor tem acesso aos sentimentos, sensações, pretensões e percepções do repórter diante de seu entrevistado. Não por menos, como veremos mais adiante, foi com base nessas vivências de repórter que o dramaturgo compôs, em larga medida, o romance autobiográfico *Labirinto*. Vejamos um exemplo da intervenção do jornalista em um perfil sobre a modelo Danuza Leão e sua filha, a artista Pinky Weiner, então com 16 anos:

Pinky, ou Débora, dezesseis anos, 1,75m de altura, olhos azuis, olhos de rapôsa [sic] que se movimentam horizontalmente, misteriosos. Vestida simplesmente, despenteada, descalça e encolhida no sofá. Põe o prato em cima da mesa, acende um cigarro. Mantém-se silenciosa, olhando o mar que invade o apartamento. De repente, vira-se para mim:

- Por que uma reportagem sôbre [sic] nós duas?
- Por que são mãe e filha.
- Só isso não justifica uma reportagem.
- Mas, quando mãe e filha são como dizem que vocês são, justifica.
- E como somos?
- É o que pretendo descobrir.
- Não somos mais mãe e filha. Somos duas mulheres. Procuro trabalhar para viver, para levar a vida que eu acho que devo levar.

– Você começa a justificar a reportagem. (ANDRADE, 1971, p.27)

Outro aspecto fundamental se relaciona com a noção que ambos autores alimentam quanto à “verdade”, a “essência” humana. Não há um perfil sequer escrito por Jorge Andrade no qual seu jornalista-narrador não diga explicitamente buscar a “verdade” de seu entrevistado e no qual não admita as grandes dificuldades (e, por vezes, impossibilidades) que tal pretensão pressupõe. Através de gestos, olhares, traquejos daqueles com quem trava relação, tenta penetrar fundo na alma, ao nível do absoluto e do real, para além do superficial, da máscara aparente, artificial, enganosa, por vezes até mesmo socialmente construída, a despeito da vontade de seus interlocutores. Sendo assim, ao longo da convivência, graças à ação do tempo, personalidades inicialmente descritas de uma dada maneira acabam totalmente transfiguradas e invertidas no desfecho do texto. É o que se percebe com bastante clareza no perfil de Clodovil Hernandes, quando o estilista, estimulado pelo repórter, muda abruptamente a opinião que alimenta a respeito de seu pai:

– Qual lembrança que guarda do seu pai?

– Que horror! Que homem mais bisbilhoteiro!

O sorriso apenas passa em seu rosto que, impassível, não demonstra qualquer espécie de angústia. Seu olhar percorre as paredes forradas de veludo. Sigo sua expressão, refletida na mesa toda [sic] de vidro, e penso no armazém de Floreal, sujo de pó, repleto de coisas baratas. Penso na amoreira, no pé de jasmim, na salada de agrião e na enfermaria do ginásio. Ouço as batidas na parede!

– É o que o seu pai disse durante a salada de agrião?

Sua voz vem firme, mas seu rosto tem qualquer coisa de profundamente infantil:

– Não. Sabe? Meu pai era muito bom, dava crédito para todo mundo. No interior, as pessoas que trabalhavam no campo só podem pagar suas contas na safra. Mas compram durante todo o ano. Havia fazendas que compravam mercadorias que davam para encher um caminhão. Meu pai só ia entregando! Muitos, depois das colheitas, mudavam de fazenda ou fugiam. Assim, meu pai empobrecendo até perder o armazém. (ANDRADE, 1971, p.74)

E mesmo quando retrata o sociólogo Gilberto Freyre e se questiona, num esforço de desmistificá-lo:

Onde está o pernambucano intolerante, o escritor vaidoso, o homem inacessível? Diante de mim parado à porta, só permanece o trabalhador, o escritor que passou fome e frio para escrever. (ANDRADE, 1971, p.32)

O grande romance proustiano é pleno de exemplos desse modo de apreensão da realidade, haja vista a cíclica aparição e desaparecimento de personagens, que sempre nos surgem distintos, quando retomados, por conta da ação transformadora do tempo sobre as lentes do narrador-herói Marcel e sobre os próprios personagens, em si. Mas como tratamos do gênero “portrait”, indissociável que é dos jornais e revistas, ao menos a partir do século XIX, em suas modalidades modernas, convém retroceder *Em busca do tempo perdido* e ressaltar que Proust também vivenciou o jornalismo de seu tempo, quando ainda jovem, em colunas mundanas das mais diversas publicações da *Belle Époque*. E que, nesses espaços editoriais, os retratos abundavam, no intuito de satisfazer a curiosidade de um crescente leitorado fascinado pelo universo de aparência mágica pintado pela elite parisiense em seus encontros sociais.

Um bom apanhado desses textos se encontra na seção *Essais et articles*, da edição de *Contre Sainte-Beuve* da coleção *Bibliothèque de la Pléiade*. Alguns vieram a público apenas postumamente, por obra dos esforços de Philip Kolb e Larkin B. Price na catalogação e organização do espólio proustiano. Um deles, o retrato do príncipe Edmond de Polignac, interessa por duas razões a essa argumentação. Primeiro, porque ilustra a distinção tipicamente proustiana entre a aparência ilusória e a essência reveladora. Depois, porque, como veremos, serviu diretamente ao amadurecimento das técnicas estilísticas que viriam a constituir a grande obra desse autor. Vejamos um excerto:

A natureza, que prossegue as raças e não prevê os indivíduos, havia lhe dado um corpo esbelto. Um rosto enérgico e, enfim, de homem guerreiro e cortês. Pouco a pouco, a chama espiritual que habitava o Príncipe Edmond de Polignac esculpiu sua imagem à semelhança de seu pensamento. Mas sua máscara permaneceu aquela de sua linhagem, anterior à sua alma individual. Seu corpo e sua face assemelhavam-se a uma fortaleza abandonada que teria sido transformada em biblioteca. (PROUST, 1971, p. 465, tradução nossa)<sup>1</sup>

A crítica genética Nathalie Mauriac (2010) teve a felicidade de uma descoberta preciosa a partir desse e de outros excertos desse retrato. Retornando aos manuscritos de *À sombra das raparigas em flor*, percebeu que o personagem fictício Robert de Saint-

---

<sup>1</sup> “La nature, qui continue les races et ne prévoit pas les individus, lui avait donné un corps élancé. Un visage énergique et fin d’homme de guerre et d’homme de cour. Peu à peu le feu spirituel qui habitait le Prince Edmond de Polignac sculpta sa figure à la ressemblance de sa pensée. Mais son masque était resté celui de son lignage, antérieur à son âme individuelle. Son corps et sa face ressemblaient à un donjon désaffecté qu’on aurait aménagé en bibliothèque”.

Loup era descrito quase que identicamente ao príncipe Edmond de Polignac, figura da realidade, pertencente em alguma medida ao entourage de Proust. Não bastasse a similitude, facilmente perceptível pela manutenção das escolhas léxicas e do ordenamento sintático, Proust, no manuscrito do romance, fez uma anotação às margens da página do caderno, ressaltada no interior de um balão, registrando o seguinte lembrete: “voir l’article Polignac”<sup>2</sup>. O resultado da lembrança de Proust é o trecho seguinte de *À l’ombre des jeunes filles en fleurs*:

Sob a fina pele, surgia a construção corajosa, a arquitetura feudal. Sua cabeça levava a pensar nessas torres de antigas fortalezas, cujas muralhas abandonadas permanecem visíveis, mas que teriam sido interiormente transformadas em biblioteca. (PROUST, Apud. MAURIAC, 2010, p.221, tradução nossa)<sup>3</sup>

Em resumo, o exercício do “portrait littéraire” no suporte jornalístico contribuiu, em alguns momentos, diretamente para o aprimoramento do ofício de escritor, lançando as bases a partir das quais se desenvolveria sua obra de maior envergadura.

Assim também, como há pouco citei, com Jorge Andrade. Mencionei brevemente que, em 1978, portanto seis anos após deixar o quadro de redatores da revista *Realidade*, Jorge Andrade publicou uma narrativa autobiográfica intitulada *Labirinto*, no qual entremeia, no interior de um longo e ininterrupto fluxo de consciência, suas experiências jornalísticas e a formação de sua personalidade, os episódios significativos de sua memória afetiva, que contribuíram para a constituição do que julga ser sua essência.

Nesse romance, são várias as passagens em que o narrador busca exprimir os efeitos de certa memória involuntária. Os traços de personalidade de seus entrevistados, suas histórias de vida, tudo lhe remete a algum aspecto de si próprio e o leva a revisitar suas próprias lembranças. Mas, do ponto de vista formal, algo ainda mais relevante se apresenta. É o recurso a retratos que publicara em uma revista, como textos da

---

<sup>2</sup> “Voir [...] l’article Polignac”. Ver Cahier 74, fº 126 vº. A anotação se encontra entre parêntesis, próxima da margem inferior direita, logo acima de uma estrofe de quatro versos. O Caderno 74 de Proust se encontra na Bibliothèque Nationale de France e pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b60001498/f150.item.r=NAF%2018324.zoom> (acessado em 18 de setembro de 2016).

<sup>3</sup> “Sous la peau fine, la construction hardie, l’architecture féodale apparaissaient. Sa tête faisait penser à ces tours d’antiques donjons dont les créneaux inutilisés restent visibles, mais qu’on a aménagées intérieurement en bibliothèque”.

imprensa, para o alargamento e maior sofisticação de uma narrativa que, a despeito do que tem de autobiográfica, é lato senso ficcional e até mesmo fantasiosa. Cite-se o exemplo do perfil de Érico Veríssimo. No texto da revista, o narrador-jornalista abre espaço para que o escritor gaúcho desabafe sobre sua difícil relação com o pai. Já em *Labirinto*, o narrador Aluízio (nome de batismo de Jorge Andrade) se vale dos depoimentos de Érico e os alarga como meio de atingir as suas próprias complicações com seu próprio pai. Diz o perfil do escritor:

– Depois da separação, trabalhei num armazém de secos e molhados. Do armazém, passei para uma casa bancária e finalmente, antes de vir definitivamente para Porto Alegre, tive uma farmácia, como meu pai tivera e perdera. Um dia, eu tinha dezenove anos, um amigo entrou gritando em minha farmácia: “Érico! Seu pai está caído na sarjeta. Vá acudi-lo”. Saí correndo.

Instintivamente, nossos passos se apressam na calçada. Os de Érico, dirigidos pelos movimentos do passado; os meus, pela ansiedade da descoberta que se aproxima. Érico pára [sic] embaixo dos galhos de uma árvore que saem de um jardim, encosta-se no murinho e olha-me calmo.

– Meu pai não estava mais caído na sarjeta. Alguém o havia carregado para um pequeno quarto de terra batida. Quando entrei ele estava sobre um monte de cinzas. Meu pai, bêbado, ressonando entre cinzas! (ANDRADE, 1972, p.68)

E pode-se ler em *Labirinto*, quando o narrador de Jorge Andrade relata o encontro com o escritor:

Cheguei perto de conhecer a verdadeira face de meu pai, conhecendo a do pai de Érico. Isto me torna ansioso, não permitindo que eu me interesse pelo que ele está dizendo. Lembro-me de algumas perguntas de Nietzsche: “O que se deseja será, porventura, encontrar a concepção do Universo, de Deus e da Redenção, mais cômoda para cada um de nós? E, para o verdadeiro investigador, não será o resultado da sua investigação algo diferente disto? Procuramos tranquilidade, paz e ventura? Não; procuramos apenas a verdade, mesmo que ela seja horrível e repelente”. Mesmo que ela seja horrível e repelente! Volto-me para Érico e insisto em seu pai. (ANDRADE, 2009, p.196)

Daí a dificuldade e aparente riqueza de se comparar os dois autores. Mais do que identificar as semelhanças e diferenças na forma como cada um apreendeu a realidade e lidou com as questões do tempo em retratos de personalidades de seus tempos, é preciso reconhecer ainda os procedimentos de que cada qual lançou mão para erigir obras romanescas de maior dimensão e complexidade.

## Referências

ANDRADE, Jorge. *Labirinto*. São Paulo: Amarilys, 2009.

\_\_\_\_\_. Ela é a mãe de Pinky?. *Realidade*, São Paulo, n. 66, pp. 24-30, 1971.

\_\_\_\_\_. É Clodovil, sim. Alguma coisa contra?. *Realidade*, São Paulo, n. 65, pp. 68-74, 1971.

\_\_\_\_\_. Sir Gilberto Freyre. *Realidade*, São Paulo, n. 69, pp. 24-32, 1971.

\_\_\_\_\_. A Liberdade será sempre a minha causa. *Realidade*, São Paulo, n. 71, pp. 66-76, 1972.

DUFOUR, Hélène. *Portraits en phrases*. Paris: PUF, 1997.

MAURIAC, N. Edmond de Polignac. In: TADIÉ, Jean-Yves (org.). *Proust et ses amis*. Paris: Gallimard, 2010.

PROUST, Marcel. *Contre Sainte-Beuve. Précédé de Pastiches et mélanges et suivi de Essais et articles*. Paris: Gallimard, 1971.

TAGÉ, Terezinha. *Jornalismo e Dramaturgia: O Mundo composto de Jorge Andrade*. 2010. Tese de Livre-Docência. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.